

O CHITOLLO NAS NOSSAS VIDAS

Maio de 1970. Putos, era o que éramos, miúdos de vinte e um anos e... estávamos na guerra, quando devíamos era estar na Universidade ou a namorar nos bailes dos bombeiros.

Neste planalto, verdadeiramente no "cú de Judas", com duas fileiras de arame farpado a dar-nos uma fraca sensação de segurança, e uma picada de ligação à comunidade social mais próxima (a "estância balnear" de Mocimboa da Praia) nada convidativa para excursões e cujos trinta e tal quilómetros demoravam horas de mais a percorrer, neste planalto ficámos mais de um ano. Alguns destes miúdos aqui permaneceram todo este tempo sem nunca terem conhecido nem socializado com outras pessoas que não os seus camaradas, atingiram durante estes meses o seu próprio limite de tolerância. Uns aguentaram como puderam, outros deprimiram profundamente, outros ainda agarraram-se ao álcool como soporífero para ultrapassarem os medos das noites em que o "bater" do motor do gerador se confundia com alguns tiros esporádicos com que as sentinelas espantavam os seus próprios medos.

* * *

Muitos anos depois, com um pequeno grupo de "sobreviventes", derrotadas que foram algumas garrafas do inigualável néctar bairradino, cortando a lamurienta nostalgia em que tínhamos mergulhado, se levanta a voz mais sóbria (ou a menos sóbria!) a contagiar a sua disposição para a meditação em profundidade, apelando para a análise do que foram as nossas vidas desde então: "Acham que foi aquele Chitolo que nos fez?" ou "O que é que aquele Chitolo nos fez?" ou ainda "Foi apenas um sítio onde passámos um ano e tal das nossas vidas, nada mais do que isso?"

Éramos tão novos naquela altura... ainda em crescimento mental e até físico. O nosso espírito carregado de princípios, referências e valores assimilados até ali no ambiente social de cada um de nós, mas que em nada se assemelhavam ao ambiente daquela isolamento na selva moçambicana, da infinita paisagem verde-escura de calor e cacimbo, dos cheiros de mato e pólvora dos nossos novos brinquedos semi-automáticos ou até dos outros, dos voadores, pontos e troares distantes, nos céus de Cabo Delgado.

"Foi o Chitolo que nos fez?" Crescemos lá. "Foi o Chitolo que nos fez assim?" Amadurecemos lá, bebendo e assimilando essa influência do tempo guerreiro, mais de irmandade que de indiferença, do "meu" e do "nosso", da disciplina e da revolta, do aprumo e do desalinho, do fato camuflado e dos calções de sacos de farinha...

Fez-nos perder a ingenuidade dos e nos nossos vinte anos; fez-nos esquecer alguns desses nossos valores e referências: "não abandonarás o teu camarada" e não abandonámos; "não voltarás a cara perante a dor do teu camarada" e ajudávamos no que podíamos; "não te desfaças em choro, desespero e pânico quando te cheirar à morte" não sei... não me lembro, mas é provável, não é?; "não matarás" e se calhar... matei, pelo menos disparei, instintivamente, sem apontar.

Aqueles tempos e aquelas experiências transformaram-nos e marcaram-nos de forma indelével para o resto da vida. A crueldade da guerra tornou-nos mais insensíveis, frios, revestiu-nos numa forte carapaça, ajudando-nos a resistir melhor a muitos dos males

da sociedade, não indiferentes mas resistentes. E também nos ajudou a melhor distinguir a justiça da injustiça, a perceber a vantagem do espírito de corpo e a força do colectivo na contra-corrente.

Foi um tempo perdido ou foi um tempo ganho, de aprendizagem?

Acho que foi lá que nos fizemos assim, como somos, cada um de nós, timoratos ou destemidos...

E quando, de repente, toca a campainha do telefone ou um motor explode em *ratés*, ainda nos sobressaltamos?

CarlNasc
2015

in <http://CC2702.EU>

